

ENTRE XANGÔ E A JUREMA SAGRADA

tradição, cultura e saberes ancestrais
no Ilê Àse Obá Aganju

Gabriela Magalhães Azevêdo



ENTRE XANGÔ E A JUREMA SAGRADA

tradição, cultura e saberes ancestrais
no Ilê Àse Obá Aganju

Gabriela Magalhães Azevêdo

Recife | 2022

- 1ª edição -

Copyright © Gabriela Magalhães Azevêdo, 2022

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 / 1998.

Editora: Titivillus

Capa: Maria Luisa Magalhães

Fotografia: Rennan Peixe e Giovana Abramowicz

Projeto Gráfico: Gabriela Azevêdo e Priscila Estevão da Cunha

Ilustrações: Priscila Estevão da Cunha

Revisão: Carolina Moura Neves da Fonseca



Fotografia: Rennan Peixe

Quando a gente olha pro céu,
Eu acredito em Deus.
Mas quando passa das nuvens,
Sempre acreditei
Na força da ancestralidade.

Iyalorixá Lucicleide de Oyá





SUMÁRIO

Agô 06

- Ilê Àse Guadalupe 09
- A Jurema e as celebrações 10
- Virada de folha 11
- Ebó de palavras 13

Memórias de um território sagrado 16

- Xangô escolhe sua casa 18
- Caçador de uma flecha só 29
- Os ventos da mudança 43
- Sob a proteção de Oxóssi e Oyá 52

Saberes ancestrais e resistência 53

- Referências 57

AGÔ



Assim como pedimos licença para entrar na casa de alguém, peço *agô*¹ aos mais velhos e encantados para iniciar esse livro e contar essa história. História de uma casa de Candomblé e de Jurema, em Olinda, que se mantém viva há 74 anos e é responsável pela manutenção e difusão de saberes ancestrais da diáspora.

História de uma casa, história da minha casa, história da casa de Xangô Aganju. Quando Xangô, um ano e meio atrás, através do Oráculo de Ifá² disse que eu não deveria sair da cidade, não imaginava que um dos motivos seria o encargo de contar a história da sua casa. Não imaginava, mas sentia. Sou *abiã*³ da casa, e desde que cheguei, ao entrar em contato com a tecnologia ancestral de cura, acolhimento e ética dos sacerdotes, me senti impulsionada a registrar as memórias desse espaço sagrado.

Para manter viva a proteção dos nossos ancestrais sobre nós, precisamos cuidar de sua casa, seus alimentos, suas vestes e lembrar sempre de seus feitos, cantigas e preces. A *memória é o avesso da morte, um sopro de vida*. E assim esse livro nasce como uma oferenda, o meu agradecimento aos ancestrais que sempre me guiaram na busca incessante de encontrar o meu caminho.

Este livro foi contemplado com o Edital de Formação e Pesquisa do LAB PE, da Lei Aldir Blanc de 2021, do Governo do Estado de Pernambuco.

¹ Agô em iorubá quer dizer licença.

² Arte divinatória também conhecida como jogo de búzios (Para mais informações, ver Lopes, 2020).

³ Se refere aos praticantes do candomblé que ainda não passaram pelo processo ritual de iniciação. Em iorubá quer dizer aquele que vai nascer ou aquele começa um novo caminho.

Salve a Jurema Sagrada!
Salve o Angico e salve o Vajucá!
Salve os mestres e mestras da Jurema!
Para falar da Jurema, peço aqui licença.



ILÊ ÀSE GUADALUPE

O Ilê Àse Obá Aganju⁵ foi fundado em 1948, pela Iyalorixá Maria de Lourdes da Silva, em Guadalupe, bairro periférico do Centro Histórico de Olinda. Em seu tempo de existência, sem nenhuma proteção das instituições de salvaguarda do patrimônio ou da cultura, o terreiro passou por perdas significativas de sua estrutura física, por tentativa de assassinato de sua primeira iyalorixá e precisou cessar temporariamente suas atividades religiosas e culturais para poder continuar existindo. O Ilê Guadalupe se mantém vivo como símbolo de resistência na manutenção dos saberes tradicionais do Estado de Pernambuco.

Além das celebrações religiosas, o terreiro mantém festividades vinculadas à cultura popular pernambucana, com uma nação de maracatu, um grupo de samba de coco, afoxés, romarias e demais festejos. As festas eram conhecidas por todo centro histórico e a quantidade de pessoas que se reuniam para as festas, por vezes, chegavam a interditar a Rua Honorato do Espírito Santo⁶. Vinculando diversas manifestações culturais negras, o Ilê tem importante função social para crianças e jovens da comunidade de Guadalupe.

⁵ Ilê em iorubá quer dizer casa. Em tradução livre, quer dizer *Casa de Axé do Rei Aganju*, que é uma qualidade de Xangô. Sobre a palavra Àse, pode ser traduzida por axé, que quer dizer força vital, energia, energia sagrada.

⁶ O trabalho dos grupos culturais foi afetado com a pandemia, e a maioria dos festejos ainda não tiveram condições de retornar suas atividades.

Desde a sua fundação, o terreiro teve quatro sacerdotes, sendo atualmente dirigido pelo Babalorixá Ivanildo de Oxóssi, de linhagem consangüínea da fundadora, e por sua esposa, a Iyalorixá Lucicleide de Oyá. Antes mesmo de iniciar o culto aos orixás, a Iyá Maria de Lourdes já recebia os encantados da Jurema para reuniões e consultas em sua casa.

A JUREMA E AS CELEBRAÇÕES

A Jurema Sagrada é uma religião afro-indígena largamente difundida entre o sertão e a zona da mata de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. A cosmovisão indígena, que manteve preservados os *segredos da Jurema*, se uniu nas encruzilhadas da resistência – entre aldeias e quilombos – com os saberes e a forma de celebração africana.

A jurema preta (*mimosa tenuiflora*) é uma árvore da caatinga, considerada sagrada para diversas etnias indígenas. Com as folhas e cascas da árvore, se faz uma bebida conhecida como vinho de jurema, que faz parte do ritual. Assim, a Jurema é árvore, é bebida e é religião – forma de conexão com os ancestrais, também chamados de *encantados*.

O culto da Jurema aqui estudado é de contexto não-indígena, que se desenvolveu principalmente em áreas urbanas e semiurbanas, mas que mantém preservada estreita ligação com as matas e seus espíritos.

Conhecida em alguns lugares como Catimbó, a Jurema Sagrada tem em seu panteão de encantados caboclos, indígenas, mestres, boiadeiros, exus, pombas-giras e pretos velhos. Nos rituais, os encantados vêm compartilhar os saberes da *Ciência da Jurema* para cura no campo físico e espiritual. A Jurema reinterpretou simbologias e práticas tanto do catolicismo popular quanto do kardecismo, além de ter no maracá e no cachimbo importantes elementos ritualísticos.

Na tentativa de diminuir a perseguição policial e o racismo religioso, muitas das casas de culto a Jurema passaram a se intitular “centros espíritas”. Ainda hoje, os termos *catimbó* e *catimbozeiro* mantém uma conotação negativa no Nordeste.

Diversos terreiros de candomblé de Recife e região metropolitana mantêm os dois cultos, aos orixás e aos encantados da Jurema. Alguns de forma assumida, outros de maneira mais reservada, em um quartinho longe da vista dos visitantes.

No Ilê Guadalupe, o Candomblé e a Jurema têm seus cultos celebrados separadamente. Os orixás e os encantados compartilham o espaço de culto, mas cada qual com sua cerimônia. O calendário anual de celebrações do Ilê se inicia com as Águas de Oxalá. Em maio se faz a Festa dos Pretos Velhos, em junho tem a festa de Xangô e Oyá. Em julho tem o Balaio de Oxum, e em setembro, a festa é para a Cabocla Jaciany. Geralmente no meio do ano são celebrados em conjunto Ogum, Oxóssi e Ossain. Em outubro tem a festa dos Erês, onde as crianças da comunidade passam o dia brincando, recebem presentes e lanches. No fim do ano tem a Festa de Yabás. Dentro do culto, os toques⁷ são importantes formas de conexão com a espiritualidade, momento de agradecer e compartilhar axé.

VIRADA DE FOLHA

Nos estudos sobre candomblé costuma-se fazer distinção sobre os grupos étnicos e lingüísticos que o originaram, utilizando-se o termo *nação* para tal distinção.

As nações de candomblé estão organizadas em três grandes grupos étnicos, que são nagô, jeje e bantu. O nagô tem origem no povo iorubá e inclui as nações ketu, ijexá e efon. Do povo jeje-fon, temos as nações jeje-maí, jeje-salvalú e jeje-nagô. Do povo bantu, temos as nações congo-angola (também conhecida só como angola)

⁷ Toque, xirê e gira são termos que denominam as festas em homenagem aos Orixás e encantados.

e os candomblés de caboclo. Além das citadas, há outras nações, como é o caso do Xambá, em Olinda.

Por muito tempo perdurou certa noção de que o candomblé nagô era “mais puro” ou “mais africano” quando comparado aos de origem bantu, pelo culto aos caboclos. Para a pesquisadora Cláudia Alexandre, a ideia de purismo nestas tradições seria mais uma consequência da colonialidade, que não aceita a pluralidade étnica destes grupos.

Se por algum motivo, a casa de candomblé muda de nação, se diz que *virou a folha*. Geralmente essas mudanças acontecem por questões pessoais ou espirituais do sacerdote. O Ilê Guadalupe virou a folha algumas vezes, por motivos distintos, que vamos apresentar ao longo do livro. O importante é entender, que diferente que parte da literatura apresenta, mudar de nação não significa falta de cuidado com o sagrado e com a tradição.



*Ofereço-te Exu
O ebó das minhas palavras
Neste padê que te consagra.
– Abdias Nascimento –*

EBÓ DE PALAVRAS

Por meio do registro da história do Ilê Àse Obá Aganju, este livro teve como objetivo resgatar memórias negras, enfatizando a relação entre memória social e ancestralidade. Para além do compromisso afetivo gerado pelo objeto de pesquisa (apontado por Ecléa Bosi), acreditamos no compromisso espiritual ao lidar com tais questões.

A principal metodologia utilizada nesta pesquisa foi a história oral. Foram entrevistados os atuais sacerdotes do Àse Guadalupe, o Babalorixá Ivanildo de Oxóssi e a Iyalorixá Lucicleide de Oyá. Utilizou-se das memórias e narrativas pessoais dos sacerdotes como elementos de reconstrução da história do terreiro. O registro da história de vida dos sacerdotes alimentou as reflexões sobre o terreiro como território de resistência não apenas física, mas epistemológica. Ao mesmo tempo em que mantém viva a relação ancestral com o sagrado, o terreiro luta para sobreviver no espaço físico das cidades brasileiras e ter sua história preservada. Como afirma o historiador Francisco Cunha Paz:

“A ideia de pensar a memória e o passado em relação com ancestralidade permite repensar e reposicionar os estudos de memória social e coletiva, as formas de relação com o passado, tempo e mesmo a escrita da história” (Cunha Paz, 2019, p. 162).

O livro está dividido em três partes. A primeira é esta apresentação sobre os caminhos percorridos até aqui. A segunda traz a história de vida de três dos quatro sacerdotes da casa, desde a sua fundação até os dias atuais. Optou-se por diferenciar as vozes – entre aqueles que contaram a sua própria história e aqueles que tiveram sua história contada por outros. Apesar de inusitado, esse tipo de narrativa nos possibilitou trabalhar na fronteira, entre a biografia e a autobiografia. A terceira parte traz reflexões sobre o terreiro como um espaço de vivência afro diaspórica, de aquilombamento, onde a reconstrução dos laços familiares possibilitou e possibilita a reconstituição dos corpos negros em sua multiplicidade.

Acreditamos na educação como prática de liberdade, sendo importante instrumento para atravessar os limites impostos pelas colonialidade e pelo racismo. Assim, este livro se propõe a traçar outras narrativas sobre as religiões de matriz africana e indígena, trazendo a *palavra* para o cerne do resgate das memórias ancestrais. Estamos no caminho de construção das nossas próprias narrativas históricas, pois como diz o provérbio nigeriano: “até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça sempre glorificarão o caçador”.



Nossa religião é infinita como as estrelas...

Babalorixá Ivanildo de Oxóssi



MEMÓRIAS DE UM TERRITÓRIO SAGRADO





Fotografia: Giovana Abramowicz

XANGÔ ESCOLHE SUA CASA

Maria de Lourdes estava tendo problemas de saúde na sua adolescência e descobriu através de um jogo que Xangô estava pedindo que ela fosse iniciada. Fez então sua iniciação no terreiro de angola da Iyalorixá Josefina Guedes de Oyá, em Campo Grande, Recife. Josefina foi a primeira mulher raspada em Pernambuco, iniciada no Bate Folha em Salvador, por Maria Neném (*Mametu Tuenda Nzambi*). Quando Josefina retornou de sua iniciação, a festa feita pelos seus filhos de santo foi grande e incluiu um cortejo de carro aberto, saindo do aeroporto pelas ruas da cidade de Recife.

Quando completou cinco anos de iniciada, Maria de Lourdes começou a ser cobrada por Xangô pela casa dele. Ao pagar os sete anos de obrigação⁸, ela deveria abrir sua a sua própria casa de candomblé, casa de Xangô Aganju, mas na época ela não tinha condições financeiras para tal feito.

Durante uma festa, Oyá pediu uma espada e escreveu no chão alguns números. Maria jogava no bicho e entendeu que o recado de Oyá era um milhar. No dia seguinte, ela pediu para a mãe jogar no bicho os números que recebeu da ancestralidade. Quando saiu do trabalho, passou na banca para verificar o resultado do jogo e os números tinham sidos sorteados. Mas sua mãe não tinha feito o jogo completo, e ela não recebeu todo o prêmio. Com o dinheiro que recebeu, comprou um terreno em Guadalupe. Na época, o terreno só tinha um mocambo, uma casa de taipa.

⁸ Quando pago os 7 anos de iniciação no candomblé, pode-se receber o Deká, que é a função de abrir uma nova casa.

Josefina Guedes levou o assentamento da filha para a nova casa e Maria de Lourdes se mudou com o marido. Em 1948, ela começou a fazer atendimentos, consultas e festividades para os Orixás e para os encantados da Jurema. Se iniciava a sua jornada como Iyá Maria de Lourdes.

Quando sua mãe faleceu, passou a freqüentar o Ilê Obá Ogunté, também conhecido como Sítio de Pai Adão, uma das casas nagôs mais antigas em Pernambuco. No Ilê, junto a Manoel Papai, sacerdote da casa, fez a mudança de nação da sua casa, que havia sido fundada no angola e passou para o nagô.

Após anos de uma relação pautada pela violência doméstica, resolveu se separar do marido. Maria saiu de casa e ficou esperando o marido ir embora para poder voltar para sua casa e para o terreiro⁹. Ao fim de uma festa na Casa de Pai Edu, no Alto da Sé, o marido apareceu na porta, disse que queria reatar a relação, pediu para que ela voltasse para casa. Ela disse que não voltaria. Ele deu um beijo na sua testa, se afastou um pouco e deu cinco tiros à queima roupa.

A primeira pessoa que tentou socorrer a Iyá Maria também foi baleada. As duas foram levadas para o Hospital da Restauração. A situação de Maria quando chegou no hospital era tão grave que deram ela por morta, dada a quantidade de sangue que tinha em sua roupa. Depois de algum tempo viram que ela ainda estava respirando, e só então a levaram para o bloco cirúrgico.

Maria sobreviveu ao atentado, mas continuou sendo ameaçada pelo marido. Precisou fechar as atividades do terreiro e passar anos escondida. Foi morar com a filha e o genro, primeiro em Santo Amaro, na Vila Naval, e depois no Rio de Janeiro. Viveu cinco anos no Rio, e quando voltou a Pernambuco, continuou vivendo no sigilo, sempre temendo por sua vida.

⁹ Também chamado de barracão, que é o espaço onde são realizadas as festas públicas.

Algum tempo depois de voltar do Rio, Maria retomou as atividades religiosas em outra casa, no bairro de Ouro Preto. Em uma das cerimônias, Xangô em terra, falou que a casa dele era em Guadalupe e que ela deveria voltar para lá, que ela estava segura. Mesmo com medo, ela voltou para casa e reabriu o barracão. Escutou então rumores que o ex-marido havia falecido. Após visitar o Cemitério de Santo Amaro e verificar junto com o coveiro a veracidade da informação, pode se sentir segura novamente. A reabertura da casa como espaço religioso aconteceu na década de 1970.

• • •

Sobre os encantados da Jurema, Maria de Lourdes tinha uma preta-velha, que se chamava Joaquina. Essa preta-velha era tataravó dela e muito procurada para consultas. Ela era rezadeira, benzedeira e tirava mau-olhado. Ela tinha também um caboclo angoleiro, chamado Chapéu de Couro e o Caboclo Canindé. Seu Mestre de Jurema era Seu Zé dos Anjos.



Como em muitas casas de candomblé, no Ilê Guadalupe as festas sempre tiveram importante função de conexão entre o terreiro com a comunidade, num processo de diminuir o preconceito religioso. Além da novena de maio, em junho se fazia uma grande fogueira para Xangô. A junção entre comida, música e dança, transformava as celebrações religiosas em momentos de confraternização na vizinhança.

A novena se iniciou como pagamento de uma promessa. Quando criança, Maria de Lourdes foi mordida por um cachorro e passou a ter muitos problemas de saúde. Sua mãe, conhecida na vizinhança como Maria de Leopoldo, fez uma promessa que se a filha se curasse, passaria a fazer novena no mês de maio para Nossa Senhora da Conceição.

Ela se curou e a novena passou a atrair muitas pessoas, se tornando uma grande festividade do barro de Guadalupe. Maria de Leopoldo recebia em casa, durante todo o mês, os vizinhos e visitantes que se aglomeravam para participar das orações. No último dia da novena, as flores que enfeitaram o altar durante o mês eram queimadas na rua, ao som da música da Lapinha. Ao findar a cerimônia religiosa, se iniciava a festa, com muito forró e vinho de Jenipapo, que ela mesma preparava.

Quando Maria de Leopoldo não conseguiu mais dar continuidade à novena por conta da idade, Maria de Lourdes assumiu a manutenção tanto das rezas quanto da festa, que se perdurou enquanto esteve viva.

No mês de junho, a festa que acontecia era por conta do São João. Se fazia uma grande fogueira, as pessoas dançavam coco e seguiam em cortejo até o Rio Piaba de Ouro, na cidade Tabajara, e depois voltavam com o dia amanhecendo...

*Vamos para o banho
Que São João mandou
Laço de fita, buquê de Fulô
– Dona Nice (domínio público) –*

• • •

A irmã mais nova de Iyá Maria se chama Dona Nice e viveu com ela grande parte de sua vida. Dona Nice trabalhou por algum tempo na Fábrica de Doces, onde hoje é o Mercado Eufrásio Barbosa, e depois foi trabalhar em uma ótica no centro do Recife, onde trabalhou grande parte de sua vida. Ela era quem sustentava a casa, enquanto que sua irmã cuidava de seus filhos e dos santos.

Dona Nice é filha de Oyá e certa vez fez credíario numa loja de tecido para comprar as roupas de sua iniciação. Comprou muitos metros de um tecido vermelho para a roupa da sua Iansã e deixou na casa de uma amiga costureira. A costureira roubou o tecido, fez roupa para outro orixá e nunca mais se teve notícias dela. Os amigos aconselharam Dona Nice dar parte na delegacia, mas ela não quis, disse que a ladra se resolveria com Deus. Mas a raiva foi tão grande que nunca mais quis fazer o santo, mesmo vivendo dentro de uma casa de candomblé. Dona Nice continua morando na mesma na casa e hoje tem 89 anos, gosta de ir a missa, mas também está presente no barracão quando tem celebração para orixá.

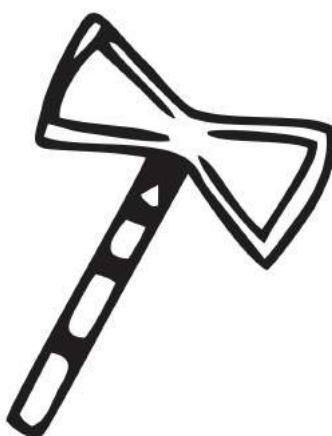
• • •

Para proteger o espaço de culto da perseguição religiosa e das batidas policiais, Iyá Maria chegou a construir uma casa na frente do barracão, para disfarçar o som do batuque. Na casa da frente ela morava com a família, na casa de trás aconteciam as cerimônias religiosas. As duas casas eram de taipa com o telhado de palha. Em certo momento, a estrutura de madeira do barracão começou a se deteriorar e a casa veio a desmoronar. Nessa época, a Iyá Maria não tinha renda fixa e não teve condições de reerguer a casa sozinha.

Passou-se cinco anos até ela conseguir reconstruir a casa. Nesse tempo, os filhos de santo não se mantiveram nem ajudaram no processo. Com a reconstrução, houve uma reinauguração da casa, com novos filhos e novas conquistas. Levou muitos anos para as duas casas terem a taipa substituída por alvenaria de tijolo e telha cerâmica.

• • •

Com o passar da idade, a Iyá Maria passou a receber ajuda do seu sobrinho, Ivanildo, nas atividades do terreiro. Ivanildo havia sido criado por ela e tinha contato com o candomblé desde criança. O Xangô de Iyá Maria em uma das celebrações disse que Ivanildo seria o seu sucessor da casa, mesmo ele sendo Ogã de uma casa jeje, o que não costuma ser comum. Iyá Maria de Lourdes veio a falecer na quarta-feira de cinzas de 1997. Havia cinco anos ela estava acamada, decorrência de uma queda que tirou parte dos seus movimentos. Retornava ao Orun deixando um legado de resistência e devoção aos orixás.





Fotografia: Rennan Peixe



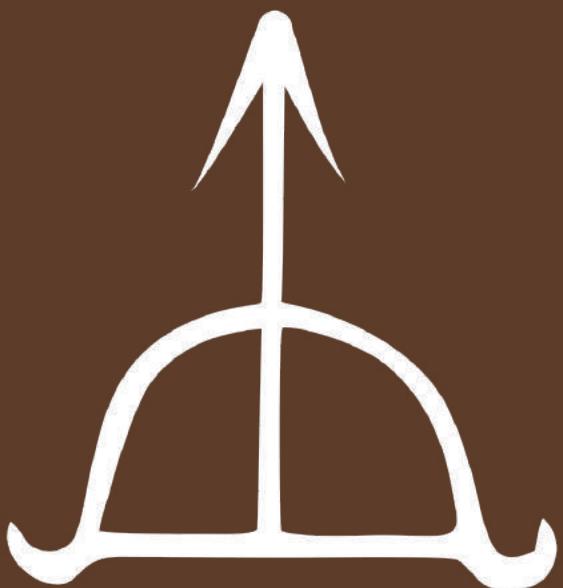
Fotografia: Rennan Peixe

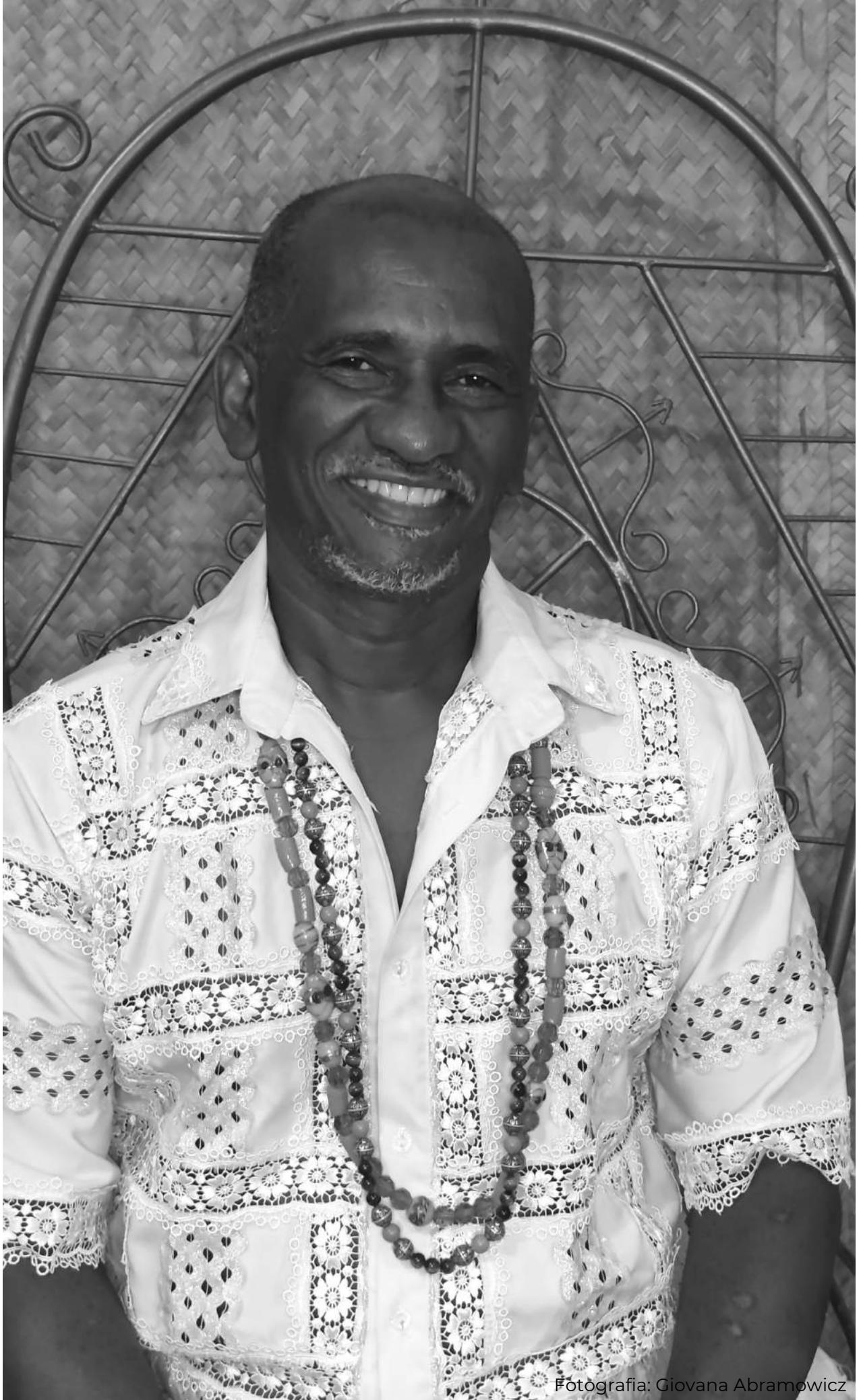


Fotografia: Rennan Peixe

No Candomblé a gente aprende coisa
que a gente pensa que é novo, mas não é.
Aprendemos coisas dos nossos ancestrais,
lá de trás, que a gente não conseguiu aprender,
e aí aprendemos agora.

Babalorixá Ivanildo de Oxóssi





Fotografia: Giovana Abramowicz

CAÇADOR DE UMA FLECHA SÓ

Nasci dentro de uma casa de candomblé. Minha avó, minha mãe e minha tia, três mulheres de candomblé. Fui criado por minha avó, pois minha mãe trabalhava fora e quem cuidava de mim era minha avó. Posso dizer que quem me colocou dentro do candomblé não foi nem minha tia, foi minha avó.

Minha avó era de orixá, tinha santo assentado. Ela era de Yemanjá, não recebia, mas sentia o orixá. E a gente começou essa jornada juntos, eu e ela. Todo canto que ela ia, ela me levava. Se tinha um candomblé, eu ia junto. Ela dizia que eu era a bengala dela, porque ela já idosa tinha uma certa dificuldade para caminhar, e eu andava junto com ela, ajudando-a. E eu fui crescendo, olhando e aprendendo a tocar ilú.

Eu posso dizer que comecei a tocar percussão com seis anos de idade. A gente foi pra uma festa e os ogás não chegaram para o toque. Ficaram esperando os ogás chegar e nada, o tempo passando e nada da festa começar... Eu fiquei olhando pros ilús e uma hora falei: "Eu toco!". Minha avó confirmou. O pai de santo da casa quis saber se era verdade, aí depois que me viu tocando deixou a festa começar.

Naquela época, era proibido criança e adolescente no salão na hora das festas do candomblé. Se a polícia fizesse uma batida, os atabaques iam presos e a casa seria multada. Mas aí o pai disse que se responsabilizava por mim, que qualquer coisa ele pagava a multa. E eu toquei a festa toda. No fim da festa, Oxum passava entre os visitantes arrecadando dinheiro para pagar os ogás. As

pessoas colocavam dinheiro no vestido de Oxum. Como os ogás não tinham ido, eu estava tocando sozinho. O pai disse que o dinheiro era para o ogá e apontou pra mim, aí as pessoas achavam lindo aquele menininho tocando e davam dinheiro. Oxum veio e colocou o dinheiro arrecadado nos pés do ilú. Foi tanto dinheiro! Foi o melhor dia da minha vida, saí da festa com o bolso cheio de dinheiro...

Foi a partir desse dia que começou minha jornada dentro do candomblé. Eu sempre ia para as festas acompanhando minha avó, mas nesse dia eu comecei a me interessar pelo toque do atabaque, pelo toque dos ilús, pela percussão religiosa. Os orixás vinham, me rendiam homenagem. Fui crescendo, aprendendo percussão, tocando em todo lugar que podia. Foi quando eu me transformei no percussionista que eu sou hoje.

Eu fui sendo criado pela minha avó, e quando ela faleceu, minha tia assumiu minha criação – a Iyalorixá Maria de Lourdes, a dona do terreiro, a dona dessa casa, a fundadora do axé. Minha mãe saía para trabalhar numa ótica na Rua da Imperatriz, saía de casa as seis horas da manhã e só voltava tarde da noite. Eu não via minha mãe nem sair e nem chegar, pois estava dormindo. Só via minha mãe no domingo. Aí minha tia foi cuidando de mim e do meu irmão, dentro da casa do candomblé. Eu tinha uns dez anos de idade.

Fui então crescendo e ajudando minha tia no que podia nas funções do barracão. Quando minha tia ia fazer uma obrigação eu segurava os bichos, eu que levava os ebós, estava ali sempre fazendo uma coisa ou outra. Não podia fazer muito porque não era iniciado, não era feito no santo, mas fazia o que podia. Quando tinha reunião de mesa da Jurema, não participava, mas estava ali presente, sempre no lugar de sobrinho da iyalorixá.

Foi passando o tempo e conheci um rapaz que era pai de santo e juremeiro, com o nome de Rinaldo. Ficamos amigos e comecei a freqüentar a casa dele. Ele sempre fazia cerimônia de Jurema e apesar de minha tia ter Jurema na casa, não fazia tanto quanto ele.

Aí foi na casa dele que eu fiz meu batismo na Jurema, com ele como meu padrinho e minha tia como madrinha. Nessa época eu não sabia que eu não recebia nada. E ele dizia que eu ia receber meus guias sim, era só uma questão de tempo. Nessa época eu tinha 17 anos de idade.

Eu já estava chegando perto da idade de servir ao quartel, mas não queria. Eu tinha o maior medo de servir o quartel. Aí fiz uma promessa que se eu não fosse chamado, faria minha obrigação na Jurema. Eu fui dispensado, não me chamaram para servir. Depois disso eu comecei a ter problema de saúde, muita dor de cabeça, tontura, vertigem, ia para escola e não conseguia estudar... Foi quando Rinaldo disse que eu tinha que fazer o que prometi, que meu caboclo estava me cobrando. Foi então que eu tombei a Jurema na casa dele. Se a gente for contar, faz 43 anos que eu sou mestre Juremeiro.

Depois de um tempo, houve um problema na casa dele e eu trouxe meu assentamento da Jurema para minha casa, para casa da minha tia. Nessa época, ela já era filha de santo de Manoel Papai e queria que ele me iniciasse. Mas eu não queria ser nagô. Eu sentia uma atração muito grande pelo jeje, achava tudo muito bonito. Sempre que podia participava dos toques no terreiro de Seu Raminho de Oxóssi, que era uma casa jeje. Um dia, na casa dele, eu estava tocando e o atabaque caiu. Ele estava manifestado e o mestre dele, um angoleiro, Seu Vira Mundo, disse que quando o atabaque cai é porque o orixá quer que essa pessoa seja confirmada para ogã. Até então eu não sabia se eu era ogã ou se eu era rodante.

No outro dia, eu fui na casa dele para ele jogar para mim. Aí no jogo ele disse que eu era ogã, que era de Oxóssi e que eu precisava me confirmar. Aí eu disse tudo bem. Vim pra casa para conversar com minha tia e ela não aceitou. Ela disse: "Como é que você vai para casa de uma pessoa se confirmar? Eu sou mãe de santo, tenho casa, você nasceu e se criou nessa casa. Como você vai atrás de outra pessoa?" Mas eu sempre fui aquela pessoa teimosa. É o que eu quero e pronto, acabou, não adianta.

Depois de muita discussão, ela aceitou minha decisão de me confirmar com Pai Raminho, mas com a condição que ela seria minha mãe de santo. Fui para casa dele, me recolhi, não paguei nada pela confirmação. A única coisa que comprei foi um sapato branco, o resto tudo ele me deu. Na minha saída, estava Oxóssi de um lado, eu no meio, e ela do outro; e saímos os três para o meio do salão.

Quando Pai Raminho foi derrubar o meu quelê¹⁰, Oxóssi rodou nele e me entregou uma faca para eu cortar para um filho de Yemanjá que estava lá tomando obrigação. Foi então que eu passei a ter *mão de faca* para cortar para santo e comecei a cortar na casa da minha tia para Xangô. Comecei a cortar pra santo, comecei a trabalhar com ela dentro dos quartos de santo. Como eu já era confirmado como ogã, já podia fazer.

Minha tia sempre dizia que quem ia herdar a casa era eu. Ela sempre me botava a frente de tudo. Jamais eu pensaria que teria um caminho desse. Eu mesmo não aceitava, ter que tomar conta de uma casa de orixá. Eu sempre dizia: “Quando a senhora morrer, eu vou despachar tudo”. Ela dizia que eu não podia fazer isso, e eu dizia que não era obrigado a ficar com nada. Eu sempre fui uma pessoa rebelde mesmo. Eu dizia que não faço e pronto, acabou.

Nessa época começou a minha relação com uma mulher de Xangô, Cristina. Ela já era iniciada no orixá. E nós dois começamos a trabalhar junto dentro do terreiro. Minha tia já estava velha e debilitada, e pediu para que eu e Cristina ficasse fazendo a iniciação dos filhos de santo da casa. Acabamos assumindo essa responsabilidade.

• • •

¹⁰ Colar de contas que simboliza a aliança entre filho e orixá no processo de iniciação ou confirmação.

Na época eu morava numa casa em Ouro Preto. Fazia as iniciações aqui e levava os filhos pra cumprir o resguardo de 3 meses na minha casa. E lá comecei a fazer o quarto dos filhos de santo que eu iniciava. Aqui ficou os quartos de santo que ela iniciou. Eu tinha 22 anos quando comecei a fazer iniciação dos filhos de santo.

Eu botei na minha cabeça e comecei a fazer um terreiro lá na minha casa em Ouro Preto, pois eu e minha tia vivíamos brigando. Cada um queria as coisas do seu jeito e não aceitava que fosse diferente. Comecei a reformar a casa pra ter o quarto dos santos. Mas nunca deu certo. Minha tia não sabia que eu estava fazendo isso, e um dia foi me visitar. Quando ela chegou e viu as paredes tudo derrubada, perguntou o que eu tava fazendo. Aí eu disse que tava fazendo uma casa de santo. Ela perguntou se eu tava doido, que a casa de Xangô quem ia assumir era eu. Que eu não precisava disso, fazer um outro terreiro. Mas eu disse a ela que não queria, a gente arengava muito. A gente se desentendia, brigava, depois ela ficava passando mal... Eu queria mudar algumas coisas, melhorar, e ela não permitia.

Porque assim, candomblé não se renova. Candomblé a gente aprende coisa que a gente pensa que é novo, mas não é. Aprendemos coisas dos nossos ancestrais, lá de trás, que a gente não conseguiu aprender, e aí aprendemos agora. Dizem que hoje em dia tudo é moda. Não é moda. Já existia, é que a gente não sabia. Existia outras formas de fazer lá fora, mas a questão é que a gente não conhecia.

A nossa religião é infinita. Não adianta dizer eu sei de tudo. A gente nunca sabe. Cada dia que passa a gente aprende mais. E minha tia era muito isso, não queria mudar nada. Como eu era mais novo, estudava, procurava saber, eu queria trazer coisa nova pro axé, mas ela não aceitava. Por isso a gente se batia muito.

E ainda tinha o problema com os filhos da minha tia, que não aceitavam minha nação. Eles eram iniciados no nagô, e eu era jeje.

Quando eu ia iniciar os iaôs na casa e o toque era jeje, os filhos mais antigos não vinham. Nas festas, muitos dos filhos a casa não estavam presentes. Foi também por isso que eu quis fazer outro terreiro, pra parar com esse tipo de problema e deixar minha tia com a nação dela e os filhos dela. Mas acabou que não deu certo, eu parei a construção lá.

• • •

Um dia minha tia estava caminhando na rua e levou uma queda, bateu com o rosto no chão. Ela ficou com o rosto roxo e inchado, mas não quis ir ao médico. Em decorrência dessa queda ela foi perdendo os movimentos de parte do corpo, ficou cadeirante. Ela já tinha mais de 70 anos, tinha problema do coração, tinha as seqüelas dos tiros que levou, aí o estado de saúde dela foi só piorando... Eu fiquei esperando ela melhorar, mas passou mais de ano e nada. Ela veio falar comigo para eu dar continuidade a iniciação dos iaôs, aos toques para os orixás.

Antes da queda acontecer, Xangô veio nela e disse que eu ia tomar conta dessa casa, que essa casa era minha. Pediu que eu tomasse conta dele e que não deixasse a casa dele fechar. Eu concordei, mas nunca pensei que ia acontecer um acidente como esse.

Depois do acidente, ela chamou eu e Cristina, e disse que nós dois íamos assumir a casa, que Cristina seria a iyalorixá. Ela tinha dois anéis de búzio, deu um a Cristina e o outro a mim. Cinco anos após a queda, a saúde dela começou a piorar, tinha umas crises convulsivas e veio a falecer no carnaval de 1997.

Teve o enterro dela e o carrego das coisas dela. Eu disse que não queria assumir a casa, que podiam despachar tudo. Uma amiga dela veio falar comigo, dizendo que Xangô tinha dito que eu devia assumir. Eu fiquei calado. Veio um pai de santo amigo meu, fazer o

jogo de búzios para saber qual seria o destino da casa, para saber se os santos e espíritos da Jurema iam embora ou se iam ficar.

Xangô disse que ia ficar, que não ia ser despachado nada. Apesar de não ser o que eu queria, aceitei e dei continuidade aos trabalhos da casa, junto com Cristina.

• • •

Chegou um dia que o casamento da gente não deu mais certo, e a gente teve que se separar. Mas com relação aos trabalhos da casa, ela tinha recebido o posto das mãos da minha tia e eu respeitava a vontade da minha tia, acho que a gente tem que separar nossa vida pessoal da nossa relação com o orixá.

Passamos um tempo morando em casas separadas e cuidando dos nossos filhos de santo aqui no barracão, mas ela não aceitava minha nova relação e depois de um tempo resolveu ir embora. Quando ela foi embora, foi junto com ela todos os filhos iniciados até o momento, menos dois, uma que tinha Jurema na casa e outro que se iniciou em outra casa, mas tinha seu orixá assentado aqui. Cristina permaneceu como iyalorixá desta casa mais de dez anos.

• • •

Tem vários tipos de ogás, tem o *alabê* que é quem cuida dos atabaques e toca; tem o *pejigã* que é quem cuida do pejí e dos santos, lá dentro do quarto dos santos; tem o *axogum* que é o dono da faca, geralmente são os filhos de Ogum, que cortam para o orixá. Não é muito comum um ogã assumir uma casa, eu sou exceção, porque eu não abri uma casa, eu herdei a casa de Xangô, fui escolhido pelo orixá pra tomar conta da casa. As pessoas brincam e me chamam de “Pai Ogã”, mas eu não me incomodo.

Como eu digo, eu não queria ter essa responsabilidade. Quando eu comecei dentro do candomblé, eu queria tocar atabaque, tocar bombo, ir pros toques em diferentes casas. Eu não gosto ter que depender de ninguém, eu sou uma pessoa independente, sou uma pessoa livre, por mim eu nem vivia dentro de casa, vivia pelo meio do mundo. Eu sou de Odé, eu sou de Oxóssi, por mim eu vivia pelas matas, solto. Pra mim eu jamais quis essa responsabilidade, mas hoje faço tudo com carinho.

• • •

Passou um tempo que eu tava tendo muito problema de saúde, sem sorte nas coisas que eu fazia... Nessa época eu já não freqüentava a casa de Pai Raminho, não me identificava mais com a casa. Aí foi quando eu conheci o pai de santo Celso de Ogum, do Rio de Janeiro. A gente conversou, ele colocou jogo e veio aqui na minha casa e fez minhas obrigações, fez meu *bori*¹⁰. Essa foi o início da minha trajetória no ketu.

No inicio eu achei muito difícil, muito estranho a nação de ketu. Pai Celso disse que pra eu aprender, eu teria que conviver, teria que passar um tempo na casa dele. Aí eu fui para o Rio, fiquei lá entre janeiro e maio, e todo ano voltava lá, passava meses na casa do meu pai, para me atualizar no ketu. Até que um dia ele disse que eu tinha que me iniciar ao orixá, que eu era confirmado. Ele me adoxou¹¹ para eu poder adoxar os meus filhos. Fui para o Rio, fiz minha iniciação lá, levei o meu Oxóssi para casa do meu pai. Lá eu recebi um posto no axé, o braço direito do caçador. Nesse dia Oxóssi saiu junto comigo e foi confirmado meu posto.

Foi aí que eu comecei a trabalhar mais a fundo no candomblé, estudando, cuidando dos meus filhos de santo. Nessa

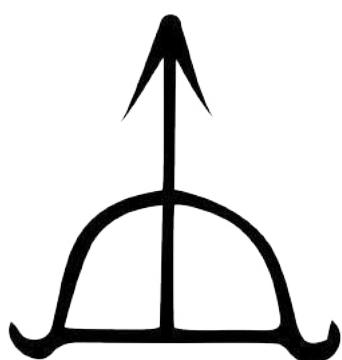
¹⁰ O Bori é um ritual de oferenda à cabeça, de purificação e fortalecimento do ser.

¹¹ Adoxu se refere a uma das cerimônias de iniciação, que consiste na raspagem da cabeça e na passagem de fundamentos para os iniciados.

Foi aí que eu comecei a trabalhar mais a fundo no candomblé, estudando, cuidando dos meus filhos de santo. Nessa época, Cleide já tinha assumido o posto de iyalorixá desta casa, e trabalhamos juntos, somos parceiros na casa de Xangô Aganju.

A mudança de nação, nesse caso, não gerou muita modificação dentro do terreiro, porque o Xangô da casa é nagô, quando tem festa para Xangô, as cerimônias são feitas nagô, apenas a festa pública, para os visitantes que é ketu. Quando eu mudei de nação minha vida mudou muito, posso dizer que passei a ter maior cuidado com a minha espiritualidade e isso reflete na minha vida, na minha saúde e na dos meus filhos, de todos que buscam minha ajuda.

Eu escuto de algumas pessoas porque sou ogã não podia estar à frente da casa, mas eu fui adoxado e escolhido por Xangô. Se ele me escolheu, quem somos nós pra dizer o contrário. Ninguém é mais que o orixá e eu fui escolhido por ele. Eu só devo satisfação é ao orixá e a mais ninguém. Graças a Xangô e a Oxóssi, todos que fazem obrigação nessa casa, vivem bem.





Fotografia: Giovana Abramowicz



Fotografia: Rennan Peixe



Fotografia: Rennan Peixe

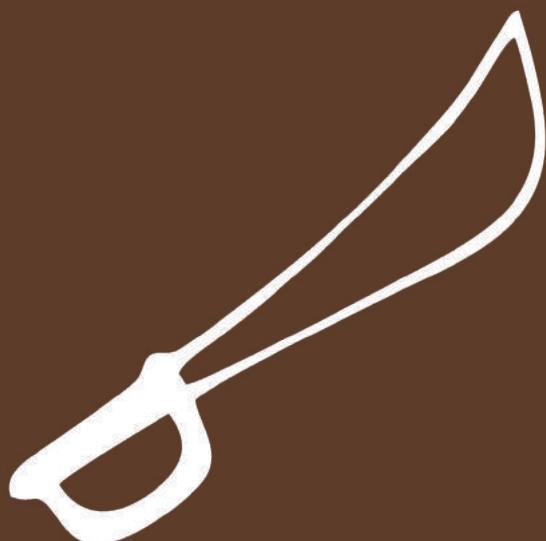
Não é fácil ser de candomblé.

As pessoas não nos aceitam, elas nos toleram.

Como mulher negra, ser de Candomblé e ter Jurema,
o preconceito é gigantesco.

Mas eu nunca tive dúvida do meu caminho.

Iyalorixá Lucicleide de Oyá





Fotografia: Giovana Abramowicz

OS VENTOS DA MUDANÇA

Minha mãe é uma pessoa católica, mas sempre acreditou no Candomblé e na Jurema. Às vezes levava um juremeiro para fazer limpeza na casa dela. Um dia eu estava em casa e ele chamou a minha mãe, para fazer uma limpeza em mim. Eu me lembro que ele fazia um círculo de fogo no chão e pedia pra gente passar por esse círculo. Eu era criança e ele disse para minha mãe: "Essa sua filha tem um caboclo, a senhora quer que eu afaste essa mediunidade dela? Porque quando ela crescer, ela vai ter Jurema". Aí minha mãe respondeu: "Quando ela crescer, ela define a vida dela, eu não tenho direito de tirar nem botar nada em ninguém. Se ela nasceu e foi Deus que deu, quando ela crescer, ela resolve".

E assim foi... Aos dez anos de idade eu desmaiava, tinha muita dor de cabeça, muito problema, fazia exame, ia ao médico e não era nada. Aí eu conheci uma pessoa, Fábia, que ela cuidava de Jurema na casa dela. E eu comecei a ir à casa dela e me doutrinar. Fábia começou a cuidar das minhas entidades, eu ia muito lá, participava sempre das reuniões de mesa. A mestra dela é Paulina, o mestre dela é Zé do Beco, a cabocla dela é Jacira e ela tem a pomba-gira cigana. Ela sempre cuidou de mim. Chegou uma época que as minhas entidades começaram a incorporar, e a primeira entidade que eu me manifestei foi Sete Encruza e ela dizia que queria obrigação.

Foi aí que Fábia me encaminhou pra sua mãe de santo, que também é Juremeira, a iyálorixá Maria José da Silva, conhecida como Fia. Ela é uma iyá de Abreu e Lima, é viva até hoje. Ela era filha do falecido Alemão, grande sacerdote dentro de Abreu e Lima,

foi assassinado. Depois dele, ela foi filha de Luiz da Guia, também grande sacerdote que não está mais entre nós, nenhum dos dois.

Na casa de Fia eu não era reconhecia como uma mulher de Iansã, mas de Xangô. Todo ano eu dava minha obrigação para Xangô, até o dia que minha mãe me pegou¹³ e disse que queria obrigação. No momento quem estava presente era o pai de santo da minha mãe, Luiz da Guia. Quando eu acordei, Luiz da Guia disse para eu falar com minha mãe para eu me resolver e houve certo desconforto entre nós. É aquela coisa, você com a sua espiritualidade e eu com o meu jogo de búzio. Eu sou uma mulher muito desconfiada, era pra eu ser de Oxóssi. Aí comecei a buscar essa questão da minha ancestralidade na minha vida.

Eu tinha 15 anos de idade quando me casei pela primeira vez, de véu e grinalda, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, lá em Cruz de Rebouças, Igarassu. Fia foi minha madrinha de casamento. Mas depois do casamento, eu ainda precisava resolver essa questão, de entender porque esse santo tinha me pego ou eu era louca... Eu nunca gostei de interrogações na minha vida, e isso ficou na minha cabeça.

Eu continuava freqüentando a casa de Fia, todo domingo tinha reunião de mesa da Jurema. Todos os domingos. Se você não fosse boa, você ia manifestada.

Eu tinha uma amiga que se chamava Lia. Ela era uma mulher de Xangô, mas não era feita. Porque naquela época, todo mundo tinha santo, mas não tinha um pinto, nem uma galinha, nem um obi. Porque acho que você só é feito daquele orixá, quando você faz alguma coisa. Ela era muito minha amiga. E ela me levou na casa de Alemão, que era uma casa jeje. Eu não queria ir porque na casa dele o povo andava com chocalho no pé e cabeça raspada. Eu não queria raspar minha cabeça de jeito nenhum. Mas ela acabou me convencendo ir, porque ele jogava búzios muito bem.

¹³ Quando se diz que o “santo pegou” ou que “bolou pro santo” é quando acontece uma das primeiras manifestações do orixá na pessoa, ainda não iniciada.

Quando cheguei lá, a iyálorixá Erenice nos recebeu e disse pra gente esperar o marido dela chegar.

Quando Alemão chegou, perguntou o que a gente queria. Lia disse que eu queria botar jogo pra saber qual era o meu orixá. Ele disse: "Para essa mulher eu nem preciso jogar. Ela é Iansã com Xangô, e o terceiro Orixá dela é Yemanjá. Mas eu colocaria Oxum, pois é esse orixá que protege ela. E o santo dela está pedindo que ela seja iniciada logo". Eu não tinha falado nada do que tinha acontecido, que eu tinha recebido esse santo. Foi aí que eu vi que eu não era louca, que não era coisa da minha cabeça.

Aí marcaram comigo pra eu ir no outro dia tomar um banho de ervas e arriar um acará para Iansã, para ela me dar caminho. Quando eu cheguei na casa outro dia, ela me deu um banho de abô. Quando eu tomei esse banho, eu comecei a me sentir sufocada e quase que eu caía. Mas eu achava que era por causa do cheiro do banho, que é muito forte. A iyá me levou pro quarto de Iansã e arriou o acarajé na minha cabeça. Nessa hora eu caí e dormi. Quando eu acordei, ela não estava mais, quem estava cuidando de mim era uma filha dela. E disse que a mãe tinha ido à feira comprar as coisas para minha iniciação, que quando se bola no quarto de santo, a iniciação tem que ser feita imediatamente.

Eu disse que não podia ficar que tinha que voltar pra casa pra avisar ao meu marido e a minha mãe. Eles disseram que eu não podia sair. Mas eu estava muito agoniada, pois sabia que iam raspar minha cabeça. Me deixaram ir pra casa e nunca mais voltei lá no terreiro.

Nesse meio tempo eu não desisti, pois continuava preocupada com essa bolação¹⁴. E Lia conseguiu que outro pai de santo me atendesse, dessa vez de uma casa nagô. Ele me atendeu e colocou jogo para mim. Ele confirmou que eu era Oyá com Xangô e que o santo tava cobrando minha iniciação.

Quando ele disse que eu precisava fazer meu santo, achei ótimo, porque na casa dele eu não precisava raspar a cabeça. Uma

¹⁴ O mesmo que bolar para o santo.

amiga me emprestou um dinheiro para eu poder fazer a feitoria. Fui feita no nagô nessa casa. Cumpri as obrigações, dei de comer ao meu santo. Passei um mês no quarto de santo, isolada. Saí de lá já como iyálorixá porque no nagô é assim, se você cumpre as obrigações de roncó¹⁵ e cobre pejí¹⁶, você recebe um cargo ao final. Eu usei quelê, cumpri os três meses de resguardo, teve muita coisa parecida com o ketu, só não raspei a cabeça. Eu tinha 17 anos de idade, nessa época.

Eu soube por outra pessoa que quando eu fosse pagar minha obrigação de 7 anos eu teria que raspar a cabeça, mas meu pai não havia me dito isso. Fiquei muito chateada, fui tomar satisfação com ele. Com a minha ignorância, a gente tem que saber que a gente não toma satisfação com o nosso sacerdote, a gente pode conversar. E ele é um homem de Xangô, de temperamento muito forte, então não foi fácil, a gente brigou. Eu decidi que não faria mais parte daquela casa, porque eu acho que entre pai e filho tem que haver cumplicidade e verdade. Fiquei muito triste por esse rompimento, eu tinha ele como um pai realmente, eu o respeitava muito. O meu problema com ele foi porque ele não foi totalmente sincero comigo.

Eu me afastei da casa e deixei Oyá agir na minha vida. Até um dia que eu fui para um candomblé com um amigo e lá eu conheci Cristina, a iyálorixá dessa casa. Marquei um jogo, que quem colocou foi Ivanildo. No jogo Iansã estava me cobrando e eu sabia o que era, que era o cabelo. Quando eu falei a minha história eles me disseram que essa cobrança era porque eu usei quelê e não raspei a cabeça. Porque quem usa quelê deve ser raspado. Eu não vi mais alternativa a não ser buscar minha ancestralidade e fazer o que estava sendo cobrada.

Cristina não aceitava que eu era feita no nagô, disse que eu tinha que ser feita de novo. Como eu gostei do jogo e gostei da casa, eu me submeti. A primeira cerimônia que eu participei nessa casa foi o axexê de Iyá Maria de Lourdes, que havia falecido há pouco

¹⁵ Quarto de recolhimento em uma casa de candomblé, espaço sagrado que só terão acesso os filhos iniciados.

¹⁶ Altar dos orixás.

tempo. Ela faleceu em fevereiro e em julho eu entrei para fazer minha iniciação.

• • •

As minhas entidades da Jurema são a pomba-gira Sete Encruza, a Cabocla Jaciany, o Mestre Zé Vaqueiro, e minha Mestra é Ritinha. Tenho também uma preta velha, Maria Redonda. Eu recebo os encantados da Jurema desde que sou criança.

Quando eu tinha 13 anos de idade, eu era catequista, dava aula de catequese para as crianças e gostava muito. Até que mostraram uma foto minha, de uma das minhas entidades, para o padre e ele me chamou para conversar. Perguntar por que eu era uma pessoa tão dedicada a igreja, mas tinha esse outro lado... E mandou eu escolher. Hoje eu tenho consciência que daria um belo processo, mas na época eu não tinha essa consciência. Eu tive que escolher entre a igreja e o candomblé, e eu sofri, porque eu gostava muito de ensinar as crianças.

Mas eu nunca tive dúvida do meu caminho, nunca tive medo. Porque como mulher negra, dentro de uma comunidade, você ser de Candomblé, ter Jurema... O preconceito é gigantesco. Já começa em sua casa, com seus irmãos, sua família. Minha mãe sempre me aceitou, mas não foi igual com o restante da minha família.

Não é fácil ser de candomblé. As pessoas não aceitam não, elas nos toleram. Às vezes eu escuto: "Ah você nem parece ser de candomblé, porque você é uma pessoa diferenciada". Eu fico tentando entender o que quer dizer diferenciado para essa pessoa...

• • •

Quando eu paguei minha obrigação de 7 anos, recebi o posto de iyálorixá desta casa. Eu cheguei aqui como todo mundo chega, como abiã, nunca imaginei que seria iyá desta casa que beira 75 anos de existência. Ter essa responsabilidade é algo muito complexo, afeta todos os aspectos da minha vida. Quando eu recebi o posto, eu e Ivanildo já éramos casados, tínhamos dois filhos, não foi algo que a gente escolheu.

Não é algo que eu queria, é muita responsabilidade, mas me sinto muito honrada de ter sido escolhida pelo Rei. Xangô sabe de tudo, eu tenho certeza que não cheguei aqui à toa.

Quando estava em Salvador conheci Pai Walmir, babalorixá do Ilê Àse Oju Ewe, uma casa tradicional no Rio de Janeiro, que tem origem no Gantois. Ele que me deu minha obrigação de 14 anos, aqui no Ilê Guadalupe, fazendo a vontade do orixá. Estou aqui hoje até o dia que Xangô, o dono da casa, decidir.

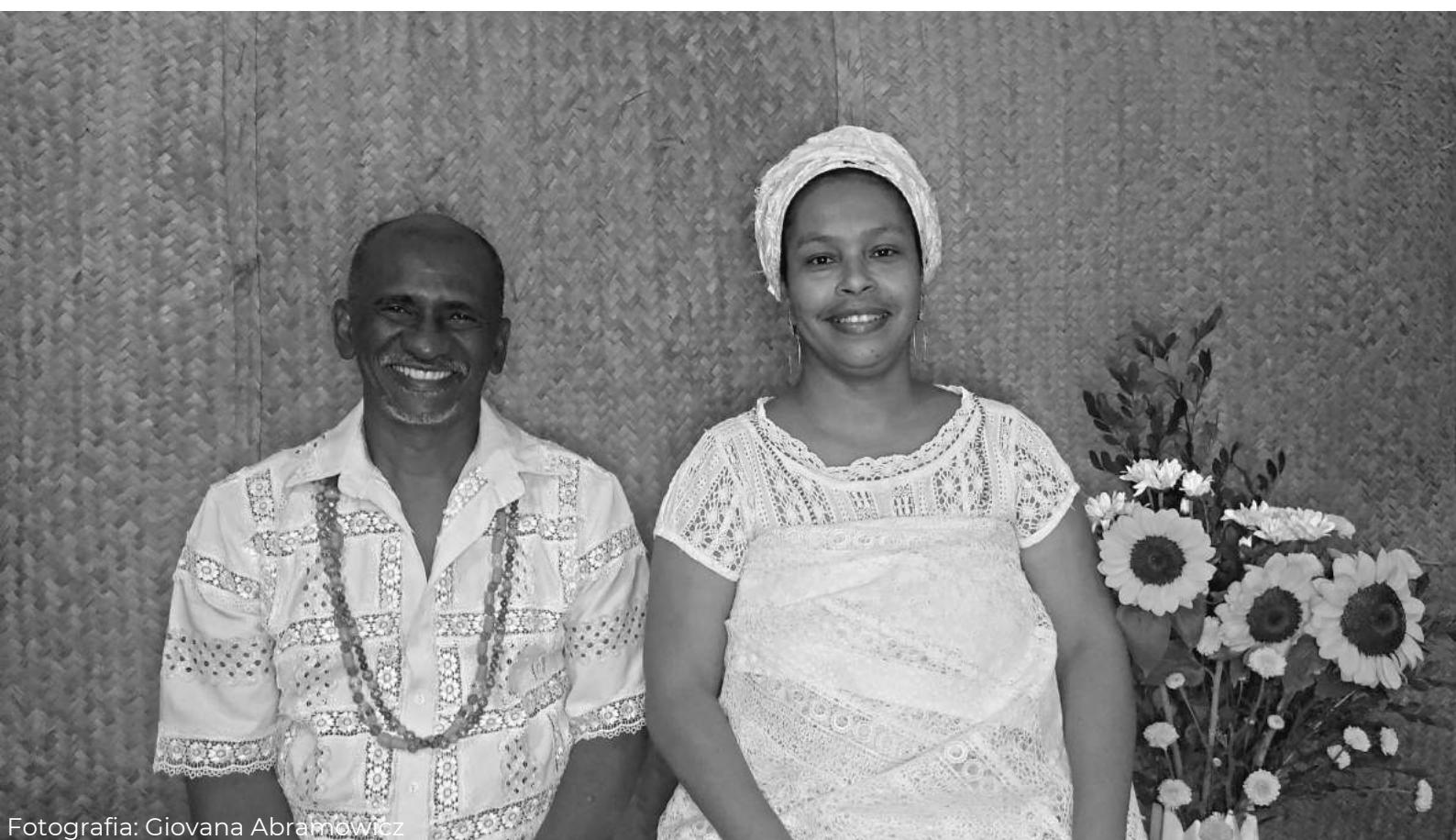




Fotografia: Giovana Abramowicz



Fotografia: Rennan Peixe



Fotografia: Giovana Abramowicz

SOB A PROTEÇÃO DE OXÓSSI E OYÁ

Ivanildo de Oxóssi é um artista múltiplo. Músico, percussionista, mestre de maracatu e mestre de coco, escultor e costureiro. É babalorixá há 30 anos e mestre juremeiro há 42. Lucicleide de Oyá é professora universitária e mestrandra. Terapeuta da práticas integrativas e esteticista. É iyalarixá há 16 anos e cultua a Jurema desde criança. Juntos, são os guardiões da casa de Xangô Aganju, no Ilê Guadalupe.

Nenhum dos dois queria a responsabilidade do sacerdócio, tem perspectivas e opiniões distintas, mas conseguem juntos encontrar o equilíbrio, sempre cuidando dos orixás, dos encantados e dos filhos com muita dedicação, carinho e ética ancestral.

Babá Ivanildo diz que hoje é feliz com o orixá. Sabe que os filhos de santo chegam e se vão, e que isso faz parte do fluxo da vida. Mas que ele e Xangô vão permanecer. “*Até o dia que Xangô ordenar que eu vá embora, volte para o Orun, volte para a África...*” Ele diz que um dia, quando for embora, vai feliz porque sabe que a casa de Xangô está em boas mãos, de uma mulher que apareceu no seu caminho e é dedicada ao orixá, que nasceu nessa casa e isso é muito satisfatório.

Lucicleide, também conhecida como Cleide, admira demais a fé que Ivanildo tem nos orixás. “*Orixá para ele é o deus do impossível. Já vi ele fazer iniciação de gente que mal podia andar e sair do quarto de santo curado*”. Para Iyá Cleide, a maior dádiva de Ivanildo é acreditar nas pessoas, acolher, trazer para dentro de casa, como um grande pai. E o seu conhecimento de axé, pela cultura e conhecimento que ele tem na religião.

SABERES ANCESTRAIS E RESISTÊNCIA



A perpetuação de um terreiro no espaço urbano das cidades brasileiras atua no contra-fluxo do projeto colonial, em duas frentes de resistência: da memória e do território. Na travessia, nomes, identidades, laços familiares e tudo vinculado ao passado foram arrancados e apagados. Mesmo os documentos históricos, que traziam esses dados, após a abolição foram queimados. A ordem em vigor era não lembrar que houve um antes a escravidão e depois, não lembrar o que foi e quem esteve envolvido nela. Restando apenas um país miscigenado¹⁷, pacífico e culturalmente diverso como projeto de nação.

Diante deste contexto, manter vivo um terreiro de candomblé e de jurema – um território negro e sagrado – é fazer um pacto com o passado, com a manutenção do conhecimento, da ética e da cosmovisão africana. O sagrado se mantém vivo pelos saberes ancestrais que os mais velhos vão passando aos mais novos, durante o processo iniciático.

Como nos lembra Abdias Nascimento, “desde o nascimento da colônia, considerava-se as religiões africanas como práticas ilegais, e elas se tornaram cultos subterrâneos, misteriosos, secretos” (Nascimento, 2021, p.122). Até poucas décadas atrás, as religiões de matriz africana precisavam usar nomes de associações espíritas, era necessário o pagamento de taxas de licença e alvará de funcionamento registrado na delegacia. Crianças não poderiam estar presentes nas áreas de culto e o batuque não podia passar do horário permitido. Mesmo cumprindo todas essas “regras”, as casas

¹⁷ Abdias do Nascimento argumenta que a miscigenação funciona como uma forma de dizimar a raça negra no Brasil, portanto uma necropolítica da memória negra (Cunha Paz, 2019, p.158).

ainda podiam ser invadidas pela polícia, ter seus instrumentos de culto apreendidos e eram multadas por “atrapalhar a ordem pública”, por “charlatanismo”, “fetichismo” ou “magia negra”.

Não é à toa que os primeiros bens patrimoniais relacionados aos povos e comunidades tradicionais de matriz africana tombados pelo Iphan¹⁸ são referentes ao acervo do Museu de Magia Negra, que consiste em objetos sagrados que foram apreendidos (diga-se roubados) pela polícia civil e nunca retornaram às suas casas. As mais de 500 peças, dentre elas jóias, esculturas, tambores, cachimbos, vestimentas e anéis de metal que pertenceram a líderes religiosos, passaram um século sob a posse do Museu da Polícia Civil, localizado no Rio de Janeiro.

O acervo foi tombado pelo Iphan em 1938, sob a perspectiva modernista de apreender o exótico do povo brasileiro, na tentativa de “salvar resquícios tradicionais das culturas primitivas” (Mariani, 1999). O interesse científico e etnográfico pelas religiões afro-brasileiras manteve por muitas décadas o olhar colonial na qual as “seitas africanas” representavam uma inteligência rudimentar, uma *subcultura* (Carneiro, 2019). Apesar do pedido de tombamento ser visto como uma forma de atribuição de valor, passando a fazer parte do dito patrimônio nacional, o nome do acervo manteve-se até 2020.

Foi necessário que a comunidade negra de terreiro reivindicasse junto ao Ministério Público Federal para mudar tal situação. O acervo foi doado para o Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) e as peças transferidas para o Museu da República, com o nome Acervo Nossa Sagrado. Quando se achava que as coisas estariam num caminho de mudança e maior respeito, com a “consolidação de um notável avanço civilizacional, histórico, etnológico, cultural e social” (Medeiro, 2021), um pastor e extremista cristão, com cargo na Secretaria de Cultura, mandou parar o trabalho de documentação e enclausurar o material.

As disputas que estão em jogo não são apenas de narrativas, mas também de território. Para além do embranquecimento e da

¹⁸ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

demonização dos orixás e encantados, continuamos presenciando a destruição dos espaços sagrados. Mas os saberes ancestrais resistem e pulsam – nos corpos, nos pontos, nos atabaques e nas encruzilhadas.

O processo de aquilombamento dos terreiros possibilitou a reconstrução dos laços familiares e afetivos na diáspora. Dentro do terreiro, cada corpo é único e sagrado. Os membros iniciados se tornam parte de uma família, não no sentido figurado, mas porque passam a fazer parte de um "mesmo corpo" (Sodré, 2019), numa relação de interdependência para a manutenção do axé. Os laços criados possibilitam a reconstituição dos corpos negros em sua multiplicidade. Cada pessoa dentro da casa tem importância e função específica para o equilíbrio da comunidade.

A manutenção dos saberes tradicionais dentro dos terreiros só foi possível a partir das memórias negras, que mantiveram o conhecimento das ervas a utilizar, dos caminhos a percorrer, dos alimentos a preparar e das músicas a evocar, passadas de geração a geração através da palavra falada. E foi a palavra falada que direcionou este livro, que permitiu os sacerdotes do Ilê Àse Obá Aganju rememorar suas vidas e a dos seus entes. A palavra falada foi o elemento principal de construção desta narrativa, que se utilizou do resgate da memória pessoal, que também é memória social (Bosi, 1994).

A persistência dos terreiros nas cidades brasileiras é a resistência do povo negro na manutenção da tecnologia ancestral de cura e conexão com o divino. E assim, seguimos lutando, lembrando, existindo e resistindo. Axé!



REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.
- ANDRADE, Mário. *Música de Feitiçaria no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2006.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze e GROSFOGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. In: *Revista Sociedade e Estado*, v.31, n.01, 2016.
- BORGES, Pedro. Candomblé, umbanda e ditadura: reconhecimento e perseguição. In: *Alma Preta Jornalismo*. Março 2022. Disponível em: <almapreta.com/sessao/cultura/candomble-umbanda-e-ditadura-reconhecimento-e-perseguicao>. Acesso: 01 abr 2022.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Maria do Carmo e NASCIMENTO, Luís Felipe. O Catimbó-Jurema. In: *CLIO Arqueológica*, n.13, 1998.
- CARNEIRO, Edison. *Candomblés da Bahia*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.
- CUNHA PAZ, Francisco. Memória, a flecha que rasura o tempo: reflexões contracoloniais desde uma filosofia africana e a recuperação das memórias usurpadas pelo colonialismo. In: *Problemata*, v.10, n.2, 2019.
- DICIONÁRIO YORUBÁ/PORTUGUÊS. Organizado por Regina Gomes. Disponível em: <umbanda-candomble.comunidades.net/dicionario-yoruba-portugues>. Acesso em: 30 mar 2022.
- DUARTE, Everaldo. *Terreiro Bogum: memórias de uma comunidade Jeje-Mahi na Bahia*. Lauro de Freitas: Solisluna, 2018.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO. *Xangô: um ritual afro-brasileiro em Pernambuco*. Recife: Editora Massangana, 1982.

GURAN, Milton. Sobre o longo percurso da matriz africana pelo seu reconhecimento patrimonial como uma condição para a plena cidadania. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.35, 2017.

HADDOCK-LOBO, Rafael. A gira macumbística da filosofia. In: *Revista Cult.* Edição 254, fev. 2020.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, Alexandros. *Corupira: mau encontro, tradução e dívida colonial*. Recife: Titivillus, 2019.

LIMA SEGUNDO, Francisco Sales de. O Juremeiro e sua ciência: observações sobre a Jurema Sagrada em Alhandra (PB). In: *Senso*, 2019.

LIMA SEGUNDO, Francisco. O juremeiro e sua ciência: observações sobre a Jurema Sagrada em Alhandra (PB). In: *Revista Senso*, edição 11, 2019.

LIMA, Valdir. *Cultos afro-paraibanos: Jurema, Umbanda e Candomblé*. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé, 2020.

LOPES, Nei. *Ifá Lucumí: o resgate da tradição*. Rio de Janeiro: Pallas, 2020.

MARIANI, Alayne. A memória popular no registro do patrimônio. In: *Revista do Patrimônio*, n. 28, 1999.

MARINS, Luiz. *Quando Àsé não é axé*. In: *Revista Olorun*, n.1, 2010.

MEDEIROS, Jotabê. *Cruzada extremista: como age o negacionismo cultural nos museus*. Disponível em: <artebrasileiros.com.br/arte/reportagem/negacionismo-museus/>. Acesso em: 15 abril 2022.

MENDES, Andrea. *Candomblé angola e o culto a caboclo: como João da Pedra Preta se tornou o Rei Nagô*. In: *Periferia*, v.6, n.2, 2014.

MOREIRA PINTO, Clélia. *Saravá Jurema Sagrada: as várias faces de um culto mediúnico*. Recife, 1995. Dissertação. (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. Pronunciamento de Abdias Nascimento ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade da Bahia. Salvador, 2000.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

NUNES, Caroline. Orixá não tem cor? Sincretismo religioso e o apagamento da negritude. In: *Alma Preta Jornalismo*. Março 2022. Disponível em: <<https://almapreta.com/sessao/cultura/orixa-nao-tem-cor-sincretismo-religioso-e-o-apagamento-da-negritude>>. Acesso: 01 abr 2022.

OGBEBARA, Awofa. *Igbadu - a cabaça da existência: mitos nagôs revelados*. Rio de Janeiro: Pallas, 1998.

REGO, Jussara. Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador. In: *Geotextos*, v.2, n.2, 2006.

REIS NETO, João. A pedagogia de Exu: educar para resistir e (r)existir. In: *Revista Calundu*, v.3, n.2, 2019.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato (org.). *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o Negro na Geografia do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

RUFINO, Luiz e HADDOCK-LOBO, Rafael. *Filosofia e macumba (Dossiê)*. In: Revista Cult. Edição 254, fev. 2020.

SANTOS JUNIOR, Clédisson. Casa das Matas do Reis Malunguinho, o corpo-território e a sabedoria produzida nas frestas. In: *Revista Senso*, edição 11, 2019.

SANTOS, Jocélio. *Geografia religiosa afro-baiana no Século XIX*. In: Revista VeraCidade, ano IV, n. 5, 2009.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, negociação e conflito. In: *Mana*, n.12, v.1, 2006.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo: Editora Corrupio, 1981.

VIEIRA JÚNIOR, Itamar. *Torto arado*. São Paulo: Todavia, 2019.





Fotografia: Rennan Peixe



Fotografia: Rennan Peixe



Fotografia: Rennan Peixe



SOBRE A AUTORA

Gabriela Azevêdo é arquiteta e urbanista, com mestrado em desenvolvimento urbano pela UFPE. Militante, professora universitária e pesquisadora sobre patrimônio cultural, participação social, estudos raciais e religião. Escritora e produtora cultural. Abiã do Ilê Àse Obá Aganju.

